

Contributos para a discussão da construção da paisagem nas bacias das Ribeiras do Álamo e do Pisão (Beringel e Trigaches, Beja) entre IV^o e I^o Milénios a.C.

Lídia Baptista^{*}, Lurdes Oliveira^{**}, António Monge Soares^{***} e Sérgio Gomes^{****}

Resumo:

Neste trabalho irá privilegiar-se a análise de um conjunto de sítios que foram objeto de intervenções arqueológicas preventivas e/ou de emergência durante os anos de 2007 e 2008, no âmbito do Bloco de Rega do Pisão (EDIA, S.A.), nas freguesias de Beringel e Trigaches (Beja). A datação por radiocarbono de diversas amostras, de diversos tipos, permitiram estabelecer um esqueleto cronológico, que abarca o IV^o e o II^o Milénios a.C., para os dispositivos arquitetónicos intervencionados. Pretende-se, assim, contribuir para o conhecimento do quadro das dinâmicas de construção da paisagem ao longo da Pré-história Recente na área das bacias das Ribeiras do Álamo e do Pisão, na região de Beja.

Abstract:

In this paper we focus on a group of prehistoric sites located at the watershed of the Ribeiras do Pisão e do Álamo (Beja, South of Portugal). We present nine radiocarbon dates and we discuss how they can contribute to the knowledge of the settlement dynamics during the 4th – 3rd and 2nd Millenium B.C. in this region.

^{*} Arqueologia & Património Lda., FLUP, CEAUCP–CAM

^{**} Bolseira de doutoramento da FCT, CEAUCP–CAM

^{***} ITN/IST, UTL

^{****} Arqueologia & Património Lda., CEAUCP–CAM

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados obtidos a partir da datação por radiocarbono de amostras provenientes de um conjunto de estações localizadas nas bacias das Ribeiras do Álamo e do Pisão (Figs. 1, 2 e 3). A análise destas novas datações remeteu para a necessidade de atualizar um trabalho de caracterização deste conjunto de estações que apresentamos anteriormente (Baptista 2010; Antunes *et al.* 2012). Neste trabalho de atualização, procedemos inicialmente à apresentação de uma síntese acerca do modo como foi sendo construído o conhecimento da Pré-história recente do Interior Alentejano (Ponto 1), tendo como objetivo contextualizar o modo como se desenvolveram os trabalhos arqueológicos nas bacias das Ribeiras do Álamo e do Pisão e, simultaneamente, fazer um elenco dos trabalhos de referência que permitiram uma primeira abordagem aos dados que essas intervenções foram revelando. No Ponto 2, após uma breve apresentação das estações em análise, procedemos à contextualização das novas datas de radiocarbono, ensaiando o seu posicionamento face aos faseamentos cronológicos disponíveis para a área em estudo; em articulação com esta análise das datas, procedemos ao estudo de alguns dos elementos dos conjuntos artefactuais destas estações que contribuem igualmente para a construção de um faseamento da ocupação da região.

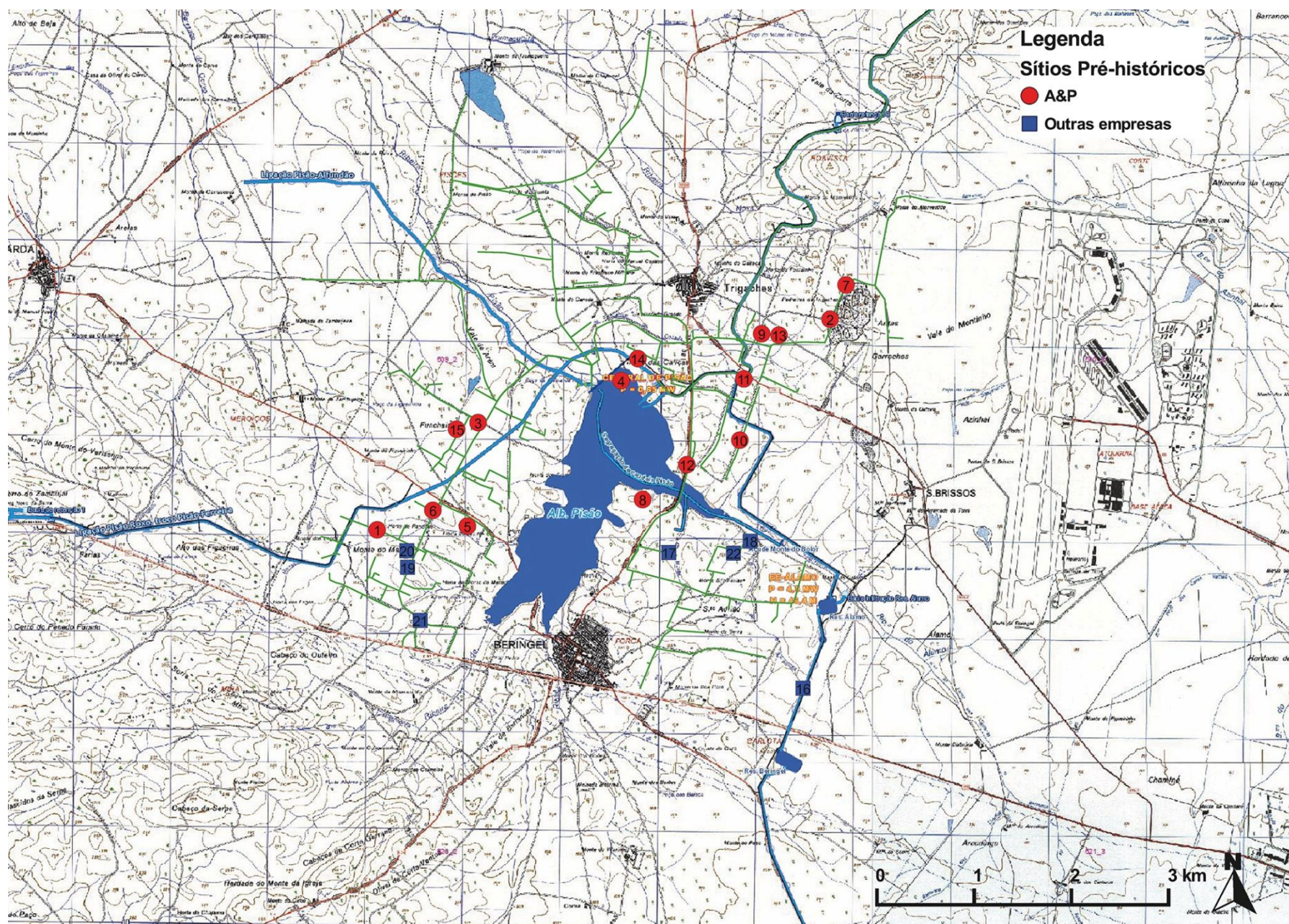


Fig. 1.— Localização das estações pré-históricas das bacias da Ribeira do Álamo e do Pisão

1. APONTAMENTOS SOBRE A PROGRESSÃO DO CONHECIMENTO DA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO INTERIOR ALENTEJANO

Para o estudo da pré-história do Baixo Alentejo, no qual se inserem os trabalhos de Bloco de Rega do Pisão, existem alguns textos portugueses que gostaríamos de referir por corresponderem a exercícios de síntese dos trabalhos arqueológicos e bibliográficos, que foram definindo o quadro de referência, que nos permitiu trabalhar os contextos em discussão. Não é nosso propósito proceder a uma inventariação exaustiva de tais textos; destacamos apenas os que mereceram a nossa atenção por, na sua articulação, permitirem traçar um panorama das transformações ocorridas na investigação arqueológica desta área, a partir dos anos 70.

Como refere Susana Correia da Fonseca (1996: 4), “Muito do que foi sendo conhecido no Baixo Alentejo em termos arqueológicos até aos anos 70 do nosso século deveu-se à acção de elementos ligados aos Serviços Geológicos de Portugal (Georges Zbyszewski e, sobretudo, Octávio da Veiga Ferreira, secundado por investigadores da região, como Ruy Freire de Andrade, António Serralheiro ou Abel Viana), que empreenderam pesquisas em monumentos megalíticos paralelamente aos trabalhos de levantamento geológico que então efectuavam. Enquanto que, por exemplo, na Estremadura portuguesa, iam sendo conhecidos e estudados diversos povoados, os únicos elementos que se possuíam sobre estas regiões mais a sul relacionavam-se, exclusivamente, com contextos funerários”.

A partir dos anos 70, os trabalhos realizados por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, no âmbito do Gabinete da Área de Sines, contribuíram para alterar a situação descrita no parágrafo anterior (pelo menos numa área circunscrita, abrangendo o concelho de Sines e parte do concelho de Santiago do Cacém). As escavações realizadas por estes investigadores, na área em questão, viabilizaram uma primeira tentativa de delinear um quadro evolutivo da ocupa-

Name	Unmodelled (BC/AD)						Select	Page break
Show all Show structure		from	to	%	from	to	%	All Visible
Sac-2634 R_Date(4810,90)		-3700	-3380	68.2	-3780	-3370	95.4	☒ 2
Sac-2632 R_Date(3220,50)		-1530	-1430	68.2	-1620	-1410	95.4	☒ 3
Sac-2334 R_Date(3030,45)		-1390	-1210	68.2	-1410	-1120	95.4	☒ 4
Sac-2635 R_Date(3280,50)		-1620	-1500	68.2	-1690	-1450	95.4	☒ 5
Sac-2328 R_Date(3210,50)		-1530	-1430	68.2	-1620	-1400	95.4	☒ 6
Sac-2369 R_Date(2790,180)		-1260	-790	68.2	-1440	-510	95.4	☒ 7
Sac-2331 R_Date(3040,45)		-1390	-1260	68.2	-1420	-1130	95.5	☒ 8
Sac-2330 R_Date(3000,60)		-1380	-1130	68.2	-1410	-1050	95.4	☒ 9
Sac-2332 R_Date(2980,40)		-1300	-1120	68.2	-1380	-1050	95.4	☒ 10

Fig. 2.— Tabela com os resultados da calibração das datas de radiocarbono

ção humana pré-histórica no Baixo Alentejo, sobretudo da zona litoral, tendo por base não apenas os monumentos funerários, mas também os sítios de habitat. Com efeito, refira-se, por exemplo, o faseamento proposto pelos autores para o megalitismo da faixa litoral alentejana e o quadro crono-cultural estabelecido para os povoados do Baixo Alentejo e Algarve. Em ambos os casos o faseamento proposto apoia-se, entre outras coisas, na análise da presença/ausência de determinados elementos artefactuais. Assim, a sequência cronológica e cultural para o megalitismo da faixa litoral alentejana, baseada na análise de três sepulturas megalíticas de Santiago do Cacém (Marco Branco, Palhota e Pedra Branca), é estabelecida, nomeadamente, pela presença/ ausência, nestes monumentos, de geométricos, pontas de seta pedunculadas e de base côncava ou reta, contas discoídes em xisto e placas de xisto gravadas. Esta análise permitiu: enquadrar o monumento de Marco Branco no Neolítico médio, isto é, na primeira metade/meados do IV^o milénio a.C.; o monumento da Palhota no

Neolítico médio/recente, isto é, na segunda metade do IV^o milénio a.C.; e o monumento de Pedra Branca no Neolítico final, Calcolítico inicial, isto é, nos finais do IV^o e inícios do III^o milénios (Silva e Soares 1983). No que concerne ao faseamento para os sítios de habitat, os autores socorrem-se, em particular, da análise da componente cerâmica, apresentando dois horizontes crono-culturais para os povoados do Baixo Alentejo e Algarve: “o representado pelo Cabeço da Mina e por Vale Pincel II que parece marcar a fase inicial do Calcolítico do Baixo Alentejo (1^a metade do III^o milénio) e o representado pelos povoados de Monte Novo, Cortadouro e Alcalar, nitidamente do Calcolítico pleno (entre o início da 2^a metade do III^o milénio a.C. e o 1^o quartel do II^o milénio) e ao qual correspondem as *tholoi* do Sudoeste (Silva e Soares 1976/77: 261).

Para além destes trabalhos, iniciados na década de 70 na zona do litoral alentejano, assiste-se nas décadas de 80 e 90 a uma série de novos trabalhos de prospeção e escavação realizados quer no Alentejo Central (Soares e Silva 1992; Gonçalves 1988-89; Gonçalves 1990-1991; Calado 1993; Dias 1996; Silva 1996; Lago *et al.* 1998; Diniz 2001) quer no Baixo Alentejo Interior. Destacamos a este propósito as escavações, nesta última área, do Cerro do Castelo de São Brás em Serpa (Parreira 1983), Monte da Tumba em Alcácer do Sal (Silva e Soares 1987), Sala 1 na Vidigueira (Gonçalves 1987), Porto Torrão em Ferreira do Alentejo (Arnaud 1982), Castelo de Aljustrel (Ramos *et al.* 1993), Cabeço da Azurria em Cuba (Correia da Fonseca 1996) e Foz do Enxoé em Serpa (Diniz 1999). Estes trabalhos, assim como algumas escavações levadas a cabo no Alentejo Central, correspondendo a intervenções arqueológicas em sítios genericamente englobados na categoria “Povoado”, contribuíram para delinear uma nova imagem da ocupação pré-histórica do Sul do Alentejo durante os IV^o e III^o milénios a.C. até então vinculada fundamentalmente à imagem da paisagem megalítica, permitindo novas problematizações da evolução da ocupação do espaço durante este período. Problematizações sistematizadas em vários textos que ensaiam sínteses explicativas sobre as dinâmicas culturais das comunidades que habitaram a região do Alentejo (Gonçalves 1994; 1995; 2000; 2003; Calado 2000; Soa-

OxCal v4.1.7 Bronk Ramsey (2010); r.5 Atmospheric data from Reimer et al (2009);

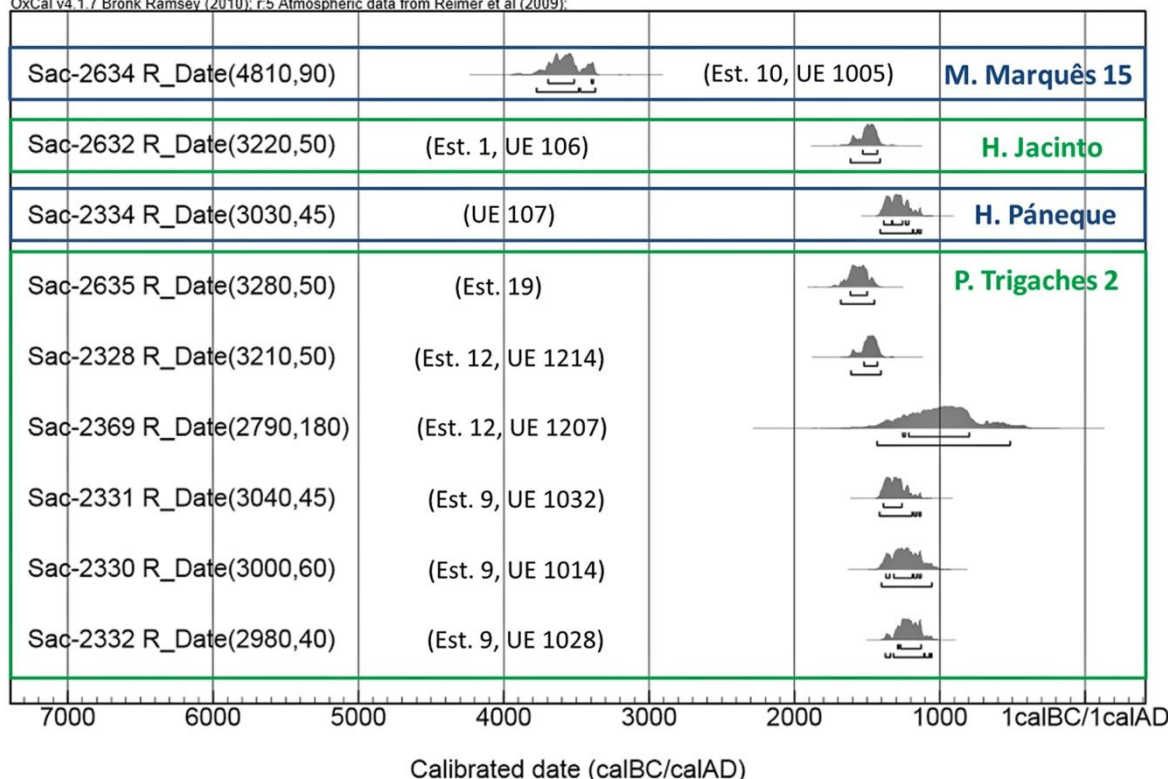


Fig. 3.— Representação gráfica da distribuição de probabilidade das diversas datas calibradas

res e Silva 2000, por exemplo). Num exercício semelhante, António Valera publicaria, em 2002, um contributo para esta sequência regional através da problematização da ocupação da margem esquerda do Guadiana (Região de Mourão) dos finais do IV^o aos inícios do II^o milénios a.C., uma problematização aprofundada no texto de 2006. Tendo por base o resultado de escavações realizadas, no final da década de 90 e inícios da seguinte, no âmbito dos trabalhos de minimização do regolfo do Alqueva, são analisados os seguintes aspetos: a intencionalidade de implantação dos sítios, as principais construções

arquitetónicas, as espacialidades intrapovoados, as dinâmicas de ocupação, a organização económica e os níveis de interacção. A discussão dessa análise é operacionalizada por conceitos tais como o abandono, a identidade de grupo, o espaço socializado e as paisagens dinâmicas. Deste estudo resultaria a proposta de um modelo de rede de povoamento em que os Perdigões assumem o papel catalizador e dinamizador num processo de geração de identidade social (Valera 2006: 139-208).

Este conjunto de estudos constituiriam um quadro de referência para a inserção das estações da Pré-história recente, particularmente dos IV^o/III^o milénios a.C., intervencionadas no Bloco de Rega do Pisão.

No âmbito do estudo da Idade do Bronze, o quadro de referência delineado, na década de 70, fundamentalmente, por Schubart (1975), e pelos trabalhos de Varela Gomes e Pinto Monteiro (1976-77) sobre as estelas, começaria a ser revisitado, ainda durante esta década e continuando nas seguintes, nomeadamente, com a escavação, ainda que pontual, de sítios de altura, como por exemplo o Outeiro do Circo (Parreira 1977) e o Cerro do Castelo de São Brás (Parreira 1983).

Assim, é em função dos novos dados decorrentes das intervenções, inicialmente, de Rui Parreira e Monge Soares (1980), e posteriormente sob a responsabilidade deste último (Soares 1994), que se começa a delinear um novo quadro e uma nova problematização das dinâmicas de ocupação durante a Idade do Bronze do Sul do Alentejo (Parreira 1995). A propósito deste novo quadro, refira-se os textos de Teresa Gamito (2003) e de Monge Soares (2005). No texto de Teresa Gamito, o interior alentejano é discutido no âmbito das problemáticas da Idade do Bronze do Sul de Portugal. Procedendo a um exercício de cartografia dos povoados e das cistas referenciadas para o Sul do território português e parte do território espanhol, a investigadora salienta que “um dos aspectos mais intrigantes da Pré-História Peninsular é a falta de povoados do chamado Bronze inicial” (Gamito 2003: 329). O texto de Monge Soares discute a dinâmica de

ocupação da margem esquerda do Guadiana durante a Idade do Bronze Final, discutindo a presença das cerâmicas de ornatos brunidos nos povoados durante aquele período. No seu conjunto, estes dois textos sistematizam e sedimentam um conhecimento que constituiu um ponto de referência para a análise dos contextos da Ribeira do Pisão enquadráveis na Idade do Bronze.

A progressão do conhecimento da Pré-história recente desta região, em curso desde a década de 70, se, por um lado, cresce em função de dados decorrentes de escavações arqueológicas, por outro lado, só muito tardiamente viria a contar com o contributo dos métodos de datação absoluta. Como refere Gerardo V. Gonçalves (2010): “Para a região do Alentejo, na sua generalidade, verificamos que existe uma dispersão pouco expressiva de datações pelo método do radiocarbono”, sendo as áreas da costa atlântica, de Reguengos de Monsaraz e a faixa Elvas-Marvão que apresentavam mais datas. Porém, se é certo que a insuficiência destes elementos é um constrangimento à construção de uma sequência regional para o Baixo Alentejo Interior, nem por isso inviabilizou a realização de estudos que ensaiaram importantes faseamentos, que serão referidos mais à frente, que contribuem para o conhecimento da ocupação do Baixo Alentejo durante a Pré-história recente.

A partir de 2007, a imagem da Pré-história recente da região viria a ser alterada em função de um expressivo aumento de trabalhos arqueológicos realizados no âmbito de Arqueologia de Salvamento. Tais trabalhos viriam a revelar um conjunto de estações arqueológicas que contribuiria decisivamente para a atualização do conhecimento delineado anteriormente.

No sentido de ilustrar o impacto destes trabalhos, e compreender a sua importância no âmbito do conhecimento da Pré-história recente das bacias do Álamo e do Pisão, vejamos o modo como, a partir de 2007, foi refeita a paisagem do interior alentejano. Como limites desta região consideramos os seguintes elementos: o rio Sado a Oeste, o rio Guadiana a Este, a Serra do Mendro a Norte, e a bacia do Rio Mira a Sul.

Tipo de sítio	Antes de 2007	Depois de 2007
Povoado Fortificado	1	0
Povoado Mineiro	1	0
Povoado	9	0
Estação de Ar Livre	1	0
Arte Rupestre	0	1
Pedreira	0	1
Monumento Megalítico	22	0
<i>Tholos</i>	5	2
Menir	1	0
Recinto	1	5
Fossa	0	36
Fossa (Inumações)	0	8
Hipogeu	0	1
Outros	34	30
Total	75	84

Tabela 1. — Sítios do IV^o e III^o milénios a.C. no interior Alentejano

Nas Tabelas 1 e 2 e nas Figuras 4 e 5 encontram-se sistematizados os resultados de uma pesquisa realizada na base de dados *Endovelicus*, onde procuramos responder às seguintes questões:

- 1) Qual o número de estações conhecidas antes e depois de 2007?
- 2) De que tipo de estações se trata?
- 3) A que períodos da Pré-história recente correspondem? Neste caso, agrupámos as estações em dois intervalos cronológicos: os IV^o e III^o Milénios a.C. (que incluem os sítios referenciados como enquadráveis no Neolítico Final, Neo-Calcolítico, Calcolítico) e os II^o-I^o Milénios a.C. (que contemplam todos os sítios com referência à Idade do Bronze).

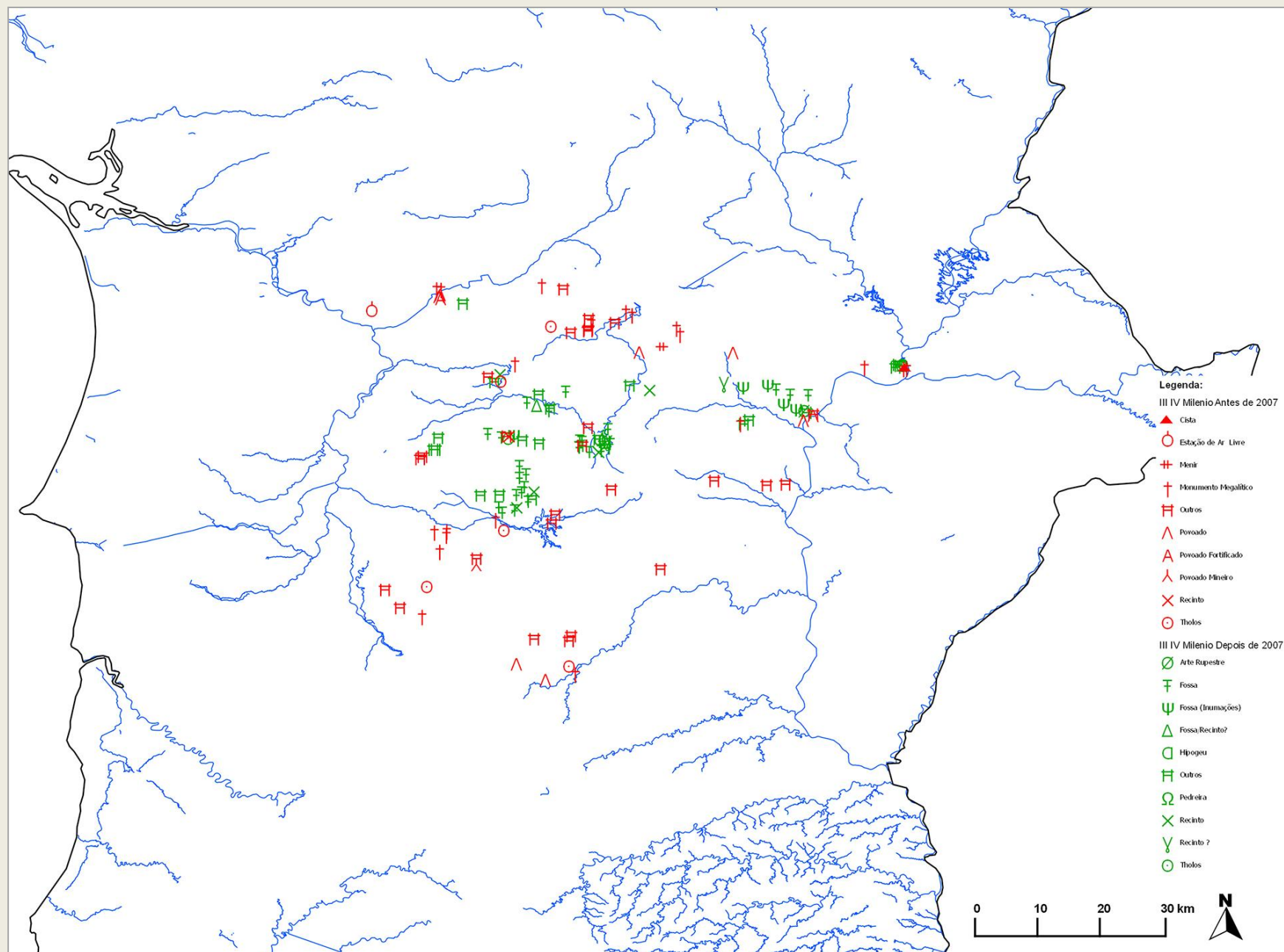


Fig. 4. — Mapa com os sítios do IV^o e III^o milénios a.C. no Baixo Alentejo

Tipo de sítio	Antes de 2007	Depois de 2007
Povoado Fortificado	2	2
Povoado	2	0
Necrópole	1	0
Cista	6	4
Estela	1	0
Estrutura de Combustão	1	0
Mina	1	0
Fossa	0	18
Fossa (Inumação)	0	5
Fossa/Hipogeu	0	3
Hipogeu	0	1
Outros	4	4
Total	18	37

Tabela 2. — Sítios do IIº e Iº milénios a.C. no interior Alentejano

Os resultados desta pesquisa permitem-nos, então, ilustrar o que acima foi referido, isto é, os trabalhos de Arqueologia de Salvamento contribuíram decisivamente para o conhecimento da Pré-história recente do interior alentejano. Com efeito, tais trabalhos permitiram acrescentar 121 às 93 estações conhecidas.

Para além deste dado quantitativo, os trabalhos desenvolvidos a partir de 2007 revelam também a existência de um expressivo número de estações de estruturas em negativo que, até então, eram desconhecidas. Estas estações apresentam contextos que, como veremos mais à frente, não só permitem visualizar novos elementos da paisagem pré-histórica alentejana, como também estabelecem ligações com elementos conhecidos anteriormente.

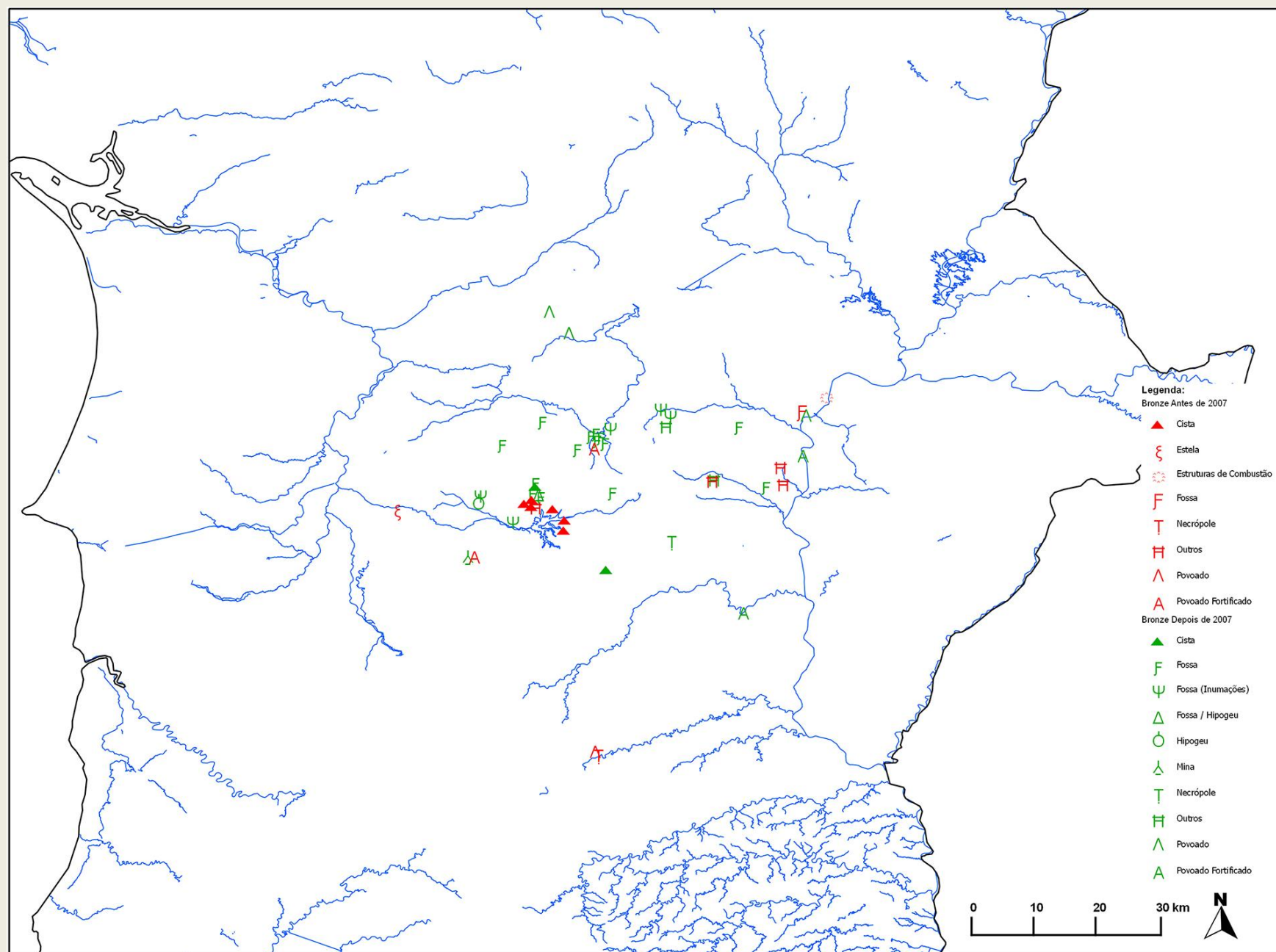


Fig. 5.— Mapa com os sítios do IIº e Iº milénios a.C. no Baixo Alentejo

2. A PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DAS BACIAS DAS RIBEIRAS DO ÁLAMO E DO PISÃO

2.1. Localização e geomorfologia

A área de estudo está localizada na região do Baixo Alentejo, nos concelhos de Beja e Ferreira do Alentejo, abrangendo as freguesias de Beringel, Trigaches e S. Brissos (Beja) e ainda parte da freguesia de Peroguarda (Ferreira do Alentejo). Em termos hidrográficos, destaca-se, nesta área, um conjunto de pequenas linhas de água, nomeadamente, as ribeiras do Monte do Marquês, Galegos, Pisão e Álamo que se articulam com a Ribeira da Tramagueira, e com a Ribeira da Figueira, fazendo parte, deste modo, da Bacia Hidrográfica do Rio Sado. Em termos geomorfológicos, a área de implantação do projeto do Bloco de Rega do Pisão, insere-se na peneplanície alentejana, caracterizada por um relevo de superfícies aplanadas marcadas pontualmente por suaves colinas, destacando-se, nesta área em particular, uma linha de montes com cotas mais elevadas (entre 250 a 276 m), localizadas a sul, onde se implantam os sítios arqueológicos Outeiro do Circo e o Moinho do Mira.

2.2. Inventário das estações

Foram identificados 22 sítios pré-históricos durante os trabalhos de minimização de impactes decorrentes da implementação do Bloco de Rega do Pisão (*EDIA, S.A*). Deste conjunto, 15 foram intervencionados pela equipa *Arqueologia & Património* (Fig. 1). Trata-se de sítios exclusivamente com estruturas em negativo, com morfologias e enchimentos diversos. A cronologia atribuída a estes sítios encontra-se estruturada em função de dois intervalos cronológicos que temos vindo a usar: os IV^o-III^o Milénios a.C. e os II^o-I^o Milénios a.C. A articulação com dois intervalos tão latos prende-se com a atribuição cronológica baseada somente nos conjuntos artefactuais. No caso dos sítios Monte de Baixo

Id	Designação	CNS	Concelho/ Freguesia	Tipo	Cronologia
1	Monte do Marquês 15	31380	Beja/Beringel	Est. Negativas	IV- III milénios a.C./ Romano
2	Pedreira de Trigaches 2	31546	Beja/São Brissos	Est. Negativas	IV- III milénios a.C./ II- I milénios a.C.
3	Funchais 5	32031	Beja/Beringel	Est. Negativas	III milénio a.C.
4	Vinha das Caliças 5	28785	Beja/Trigaches	Est. Negativas	III milénio a.C./ II- I milénios a.C. / Pré-história recente /Moderno
5	Horta do Jacinto	31377	Beja/Beringel	Est. Negativas	II- I milénios a.C.
6	Horta do Panéque	31259	Beja/Beringel	Est. Negativas	II- I milénios a.C.
7	Pedreira de Trigaches 3	32044	Beja/São Brissos	Est. Negativas	II- I milénios a.C.
8	Vale de Coutos 2	32486	Beja/Beringel	Est. Negativas	II- I milénios a.C.
9	Trigaches 9	31552	Beja/Trigaches	Est. Negativas	II- I milénios a.C. / Romano/ Tardo-romano/ Contemporâneo/ Indeterminado
10	Monte de Baixo 1	31260	Beja/São Brissos	Est. Negativas	Pré-história recente
11	Monte de Baixo 5	31227	Beja/Trigaches	Est. Negativas	Pré-história recente (?) ¹
12	Vale da Fonte da Rata 4	33102	Beja/Trigaches	Est. Negativas	Pré-história recente
13	Trigaches 14	32029	Beja/São Brissos	Est. Negativas e canalização	Pré-história recente/ Contemporâneo
14	Vinha das Caliças 4	21560	Beja/Trigaches	Est. Negativas	Pré-história recente/ I Idade do Ferro/ Medieval-Moderno
15	Funchais 6	31551	Beja/Beringel	Est. Negativas	Pré-história recente/ Islâmico

Tabela 3. – Sítios de cronologia pré-histórica das Ribeiras do Pisão e Álamo, intervencionados pela Arqueologia & Património

1, Vale Fonte da Rata 4, Trigaches 14, Vinha das Caliças 4 e Funchais 6, os conjuntos artefactuais não apresentavam elementos que permitissem a sua associação aos dois períodos referidos (Tabela 3).

2.3. Cronologia

IVº e IIIº Milénios a.C.

Para este intervalo cronológico usamos como referência a sequência cronológica proposta por Rui Mataloto e Rui Boaventura (2009). Neste texto, os autores, fazendo uma revisão apoiada na leitura crítica e atualizada de datações pelo radiocarbono disponíveis para as ocupações domésticas dos IVº e IIIº milénios a.C. sobretudo do território centro e baixo alentejano, propõem um modelo de faseamento para o povoamento do Sul de Portugal para o período abordado.

1. O sítio Monte de Baixo 5 não forneceu qualquer elemento artefactual nos depósitos de enchimento das diversas estruturas em negativo. Estas estruturas, apresentam morfologias muito similares entre si, com perfis cónicos muito semelhantes às identificadas no sítio da Idade do Bronze do Casarão da Mesquita 3 (Santos *et al.* 2008). Deste modo, a inclusão desta estação num período pré-histórico deverá ser encarada com reservas.

Não obstante, o trabalho não ter contemplado contextos de outra natureza, por exemplo, contextos de cariz funerário, usamos este trabalho por se tratar de um exercício de síntese que permite ser uma base de trabalho para a análise dos contextos da Ribeira do Pisão. Assim, o modelo de faseamento proposto pelos autores estabelece quatro Fases em Sequência para as ocupações domésticas. Estas Fases foram estabelecidas com base na articulação das datas pelo radiocarbono disponíveis, tendo sido retiradas as que apresentavam uma concordância reduzida com o modelo (abaixo de 60%), com a presença e a ausências de determinados artefactos, considerados “fósseis-diretores” (Mataloto e Boaventura 2009).

Fase 1 – situa-se na transição do Vº para o IVº milénios a.C., ultrapassando os meados deste último. Do ponto de vista artefactual caracteriza-se pela “presença de recipientes cerâmicos lisos, de tendência esférica ou em calote, alguns com sulcos abaixo do bordo e geométricos”, tratando-se de um conjunto artefactual usualmente associado ao Neolítico I e II da Comporta. Às datas por radiocarbono das estações da Comporta (Pontal e Barrosinha) os autores juntaram as datas de Vale de Rodrigo 2 e 3 (*Ibidem*).

Fase 2 – situa-se entre os finais do terceiro e o último quartel do IVº milénio a.C. Trata-se de uma fase marcada pela presença de recipientes lisos e carenados e pela ausência de recipientes com bordos espessados, associada ao Neolítico III da Comporta. Tendo incluído inicialmente a data de radiocarbono existente para os níveis superiores do Possanco, os autores não a consideraram *a posteriori* por apresentar uma concordância reduzida, pelo que esta fase inclui as datas disponíveis das estações Juromenha 1 e São Jorge (*Ibidem*).

Fase 3 – situa-se na transição do IVº para o IIIº milénios a.C. até meados deste último. O critério essencial para a definição desta fase prendeu-se com a presença de recipientes de bordo espessado, ainda que misturados com recipientes carenados nos mesmos estratos. Porém, os autores salientam a



Fig. 6.— Alguns elementos artefactuais do Monte do Marquês 15 (IIIº milénio a.C.).

possibilidade de utilização, de futuro, de outros critérios para a definição de outras etapas. Uma possibilidade que perante os conjuntos utilizados se tornou difícil de concretizar, particularmente para a primeira metade do IIIº milénio a.C. A necessidade de redefinição desta fase prende-se com o facto de se tratar da fase que, apesar do maior número de datas disponíveis, implica uma análise mais

detalhada, uma vez que estão presentes num mesmo grupo elementos passíveis de uma maior diferenciação, como por exemplo as taças com bordos espessados e os pratos com bordos almendrados. Para esta fase os autores consideraram que as datas mais bem enquadradas são as das estações Monte da Tumba, São Pedro, Porto das Carretas e Sala nº 1 (Mataloto e Boaventura 2009).

Fase 4 – situa-se durante o terceiro quartel do III^o Milénio a.C. No estabelecimento desta última fase foi usado como critério a presença de cerâmica com decoração campaniforme. Como a amostragem se limitava, em território português, aos sítios de Porto das Carretas e Miguens 3, os autores juntaram as datas de radiocarbono de estações espanholas, especificamente, San Blas e La Pijotilla (*Ibidem*: 63-64).

Globalmente, os contextos intervencionados no Bloco de Rega do Pisão apresentam características, nomeadamente ao nível da componente artefactual, que permitem a sua associação à Fase 3 (Fig. 6). No âmbito destes conjuntos artefactuais, é de salientar, pelo seu carácter de exceção, a ocorrência de um fragmento de “cerâmica simbólica” na estrutura nº 22 do Monte Marquês 15 (Fig. 7). Não obstante a presença de cerâmica simbólica se encontrar referenciada em diversas estações do Sul de Portugal, salienta-se que a temática deste fragmento, decorado com um triângulo inciso, preenchido com puncionamentos e pasta branca, apresenta grandes semelhanças com os fragmentos exumados em contextos funerários de Reguengos de Monsaraz, especificamente na Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Gonçalves 2003: 161), na Anta Grande do Olival da Pega (Leisner e Leisner 1951: est. XXX, LIX) e no sepulcro 1 dos Perdigões (Evangelista 2003: 98).

Porém, existem três contextos, um do Monte do Marquês 15, um da Pedreira de Trigaches 2 e outro de Vale de Coutos 2, cujas características nos levam a problematizar a inserção destas três estações na Fase 3. No caso do Monte do Marquês 15 trata-se do resultado de uma data por radiocarbono que posiciona o



Fig. 7.— Fragmento de cerâmica decorada identificada na estrutura 22 do Monte do Marquês 15



Fig. 8.— Estrutura 10 do Monte do Marquês 15, fecho da câmara funerária

contexto em questão na Fase 1. Nos outros dois sítios, é a presença de elementos artefactuais que, no caso da Pedreira de Trigaches 2, aponta também para a Fase 1 e, no caso de Vale de Coutos 2, para a Fase 4.

Monte do Marquês 15 – Estrutura 10

Trata-se de uma estrutura que poderemos incluir na tipologia “hipogeu”². É constituída por dois módulos: uma antecâmara de contornos irregulares, tendencialmente circular; e uma câmara de dimensões reduzidas (com um fecho pétreo), onde se identificou um indivíduo adulto do sexo feminino depositado

2. A respeito da escavação deste contexto é necessário referir que: “A Estrutura nº 10 foi identificada durante a 1ª fase dos trabalhos. No seu interior apenas se identificou um depósito de enchimento (que apresentava muitas semelhanças com o veio geológico que a atravessava) e, à excepção de um conjunto pétreo, não apresentava elementos artefactuais. Perante este cenário, numa reunião de campo com os técnicos da EDIA e do IGESPAR, decidiu-se não escavar o restante enchimento que se prolongava para lá da área decapada, assumindo que se trataria de contexto não-antrópico. Assim, após o desmonte do conjunto pétreo, a sua escavação foi dada como concluída. Contudo, em fase de obra, viria a ser constatado que se tratava de uma “estrutura de enterramento”, tendo sofrido algum impacto aquando dos trabalhos de abertura de vala” (Baptista *et al.* 2010: 25).



Fig. 9. — Estrutura 10 do Monte do Marquês 15, nível de inumação

em posição fetal em decúbito lateral esquerdo coberto com ocre, sem qualquer elemento artefactual associado (Figs. 8 e 9). Foram datados pelo radiocarbono elementos ósseos tendo-se obtido a data Sac-2634 - 4810 ± 90 BP. Esta data quando calibrada dá-nos um intervalo cronológico que se articula com a Fase 1 de Mataloto e Boaventura. Perante este novo dado, e procurando a sua articulação com outros contextos similares da região, salientamos que apenas a estação da Sobreira de Cima, localizada no concelho da Vidigueira, apresenta algumas semelhanças com o contexto da estrutura nº 10 do Monte Marquês 15. Trata-se em ambos os casos de deposições humanas em estruturas de tipo hipogeu enquadráveis no IV^o milénio a.C., nas quais se observa a presença de

ocre. Na Sobreira de Cima as datas pelo radiocarbono obtidas para os sepulcros 1, 3 e 4 “colocam a construção e utilização destes sepulcros na 2ª metade do 4º Milénio a.C. (entre 3370 e 3320 cal BC ou, com maior probabilidade, no último quartel do 4º milénio, entre 3240 e 3100 cal BC)” (Valera *et al.* 2008: 28), remetendo-os, desta forma, para um momento mais tardio do que a estrutura nº 10 que, grosso modo, se enquadra entre o segundo quartel e o terceiro quartel do IVº milénio a.C. Destaca-se ainda que ao contrário da estrutura nº 10, os sepulcros da Sobreira de Cima apresentavam deposições coletivas tendo sido identificados materiais, nomeadamente, geométricos (*Ibidem*; Dias 2008).

Pedreira de Trigaches 2 – Área B

Um outro caso que levanta algumas interrogações, é um contexto da estação de Pedreira de Trigaches 2. Nos depósitos de enchimento da base da estrutura da Área B foram exumadas partes de esqueletos humanos desarticulados. O estudo antropológico identificou dois indivíduos, associados a dois micrólitos em sílex e a um elemento em pedra polida (Figs. 10 e 11). O mau estado de conservação dos ossos não nos permite perceber as práticas de inumação envolvidas neste contexto, a não ser a associação dos ossos ou parte deles aos artefactos líticos, a sua deposição no interior da estrutura e a sua circunscrição espacial através do ocre. Até ao momento não há datações absolutas para este contexto. Todavia, as suas características levam-nos a considerar que se trate de um contexto enquadrável no IVº milénio a.C. A presença de geométricos leva-nos a enquadrar este contexto também na Fase 1.

Vale de Coutos 2 – Estrutura 5

Por último, se a ocorrência, na estrutura 5 de Vale de Coutos 2, de um fragmento campaniforme com motivos similares às gramáticas dos conjuntos “Ciempozuelos” poderia remeter para a Fase 4 de Mataloto e Boaventura, os



Fig. 10. — Estrutura da Área B da Pedreira de Trigaches 2, nível de inumação

elementos que lhes estavam associados, taças carenadas e fragmentos mamilados, que se encontram em contextos do II^o milénio a.C., na área do Pisão, fazem-nos manter reservas interpretativas sobre este contexto (Fig. 12). Todavia, no sentido de contextualizar este fragmento, no quadro das estações do interior Alentejano, onde foram identificadas cerâmicas campaniformes, verifica-se que o fragmento de Vale de Coutos 2 se assemelha aos campaniformes da Anta de Bencafede (Évora) (Cardoso e Norton 2004). Além desta estação refira-se a presença de campaniformes incisos “Cienpozuelos” noutras estações alentejanas como Monte do Tosco 1 (Valera 2000), Perdigões (Albergaria 1998) e Três Moinhos (Soares 1992). Também em Porto Torrão (mais próximo da área em análise) surgem alguns fragmentos incisos, embora com menor representatividade em relação ao conjunto atlântico (Valera e Rebuje 2011: 114).

II^o Milénio a. C.

Para este intervalo cronológico, vamos usar como ponto de referência o faseamento cronológico por Mataloto *et al.* (no prelo) para o Sudoeste Peninsular. Neste texto, os autores compilaram um conjunto de datas, algumas inéditas, que permitiram “determinar as balizas cronológicas para o Bronze do Sudoeste, designadamente para o seu início, para a transição Bronze Pleno/ Bronze Final e para o final deste” (Mataloto *et al.* no prelo). Para isso construíram um modelo com três fases:

1) Calcolítico Final (2650-2560 / 2070-1930; Campaniforme (incluindo o designado Horizonte de Ferradeira) 2650-2440 / 1950-1810) – período de transição para a Idade do Bronze, caracterizado, no que diz respeito ao povoamento, pelo abandono de fortificações e de sítios com fossos. Os contextos de enterramento, progressivamente individuais, refletem uma profunda transformação espelhada na utilização de novos dispositivos arquitetónicos e na reutilização de sepulcros da fase anterior. A cerâmica



Fig. 11.— Geométricos e machado polido da Estrutura da Área B da Pedreira de Trigaches 2



Fig. 12.— Estrutura 5 de Vale de Coutos 2, fragmento de campaniforme e as formas cerâmicas em associação

campaniforme não foi tida como elemento determinante na caracterização desta fase porque os dados são muito parcos, não permitindo definir o modo como está articulada.

2) Bronze do Sudoeste (2070-1930 / 1170-1050) – período de consolidação das transformações da fase anterior onde domina um povoamento aberto, com a presença de alguns povoados de altura. A componente cerâmica caracteriza-se pela presença de taças com carena média e baixa e recipientes com formas com perfis mais sinuosos, como as garrafas. Os objetos metálicos são essencialmente em cobre, e correspondem a punhais, alabardas e machados planos. Os contextos funerários compreendem dispositivos mais diversificados como cistas, hipogeus, “fossas” e reutilização de monumentos megalíticos.

3) Final da Idade do Bronze (1170-1050 / 780-730) – esta fase é caracterizada por uma continuidade com a fase anterior, que se reflete nos conjuntos cerâmicos. Embora persistam algumas formas presentes na fase anterior, surgem taças de carena alta e as garrafas desaparecem. É nesta fase que parece emergir a decoração de ornatos brunidos. Ao nível do povoamento, as ocupações de altura tornam-se usuais. Quanto aos dispositivos de enterramento, aparentemente, são abandonados as cistas e os hipogeus, mas a utilização de fossas permanece. Surgem as produções em liga binária de bronze (já iniciada na fase anterior) que se estende por todo o território e o ferro surge de forma esporádica (talvez num momento de transição para a fase seguinte).

Os conjuntos artefactuais das estações em análise, Pedreira de Trigaches 2, Pedreira de Trigaches 3, Trigaches 9, Horta de Jacinto, Vale de Coutos 2 e Vinha das Calças 4 e 5, apresentam taças com carena (média e alta), recipientes ovoídes e tronco-cónicos de pastas mais grosseiras com aplicações mamilares junto ao bordo, com fundos planos (Fig. 13). Considerando estes elementos, estamos, então, perante um conjunto de estações que cronologicamente podem ser articuladas com as duas últimas fases da proposta de Mataloto *et al.*



Fig. 13.— Alguns elementos artefactuais de Pedreira de Trigaches 3, Vinha das Calças 5 e Horta de Jacinto (II e I milénios a.C.)

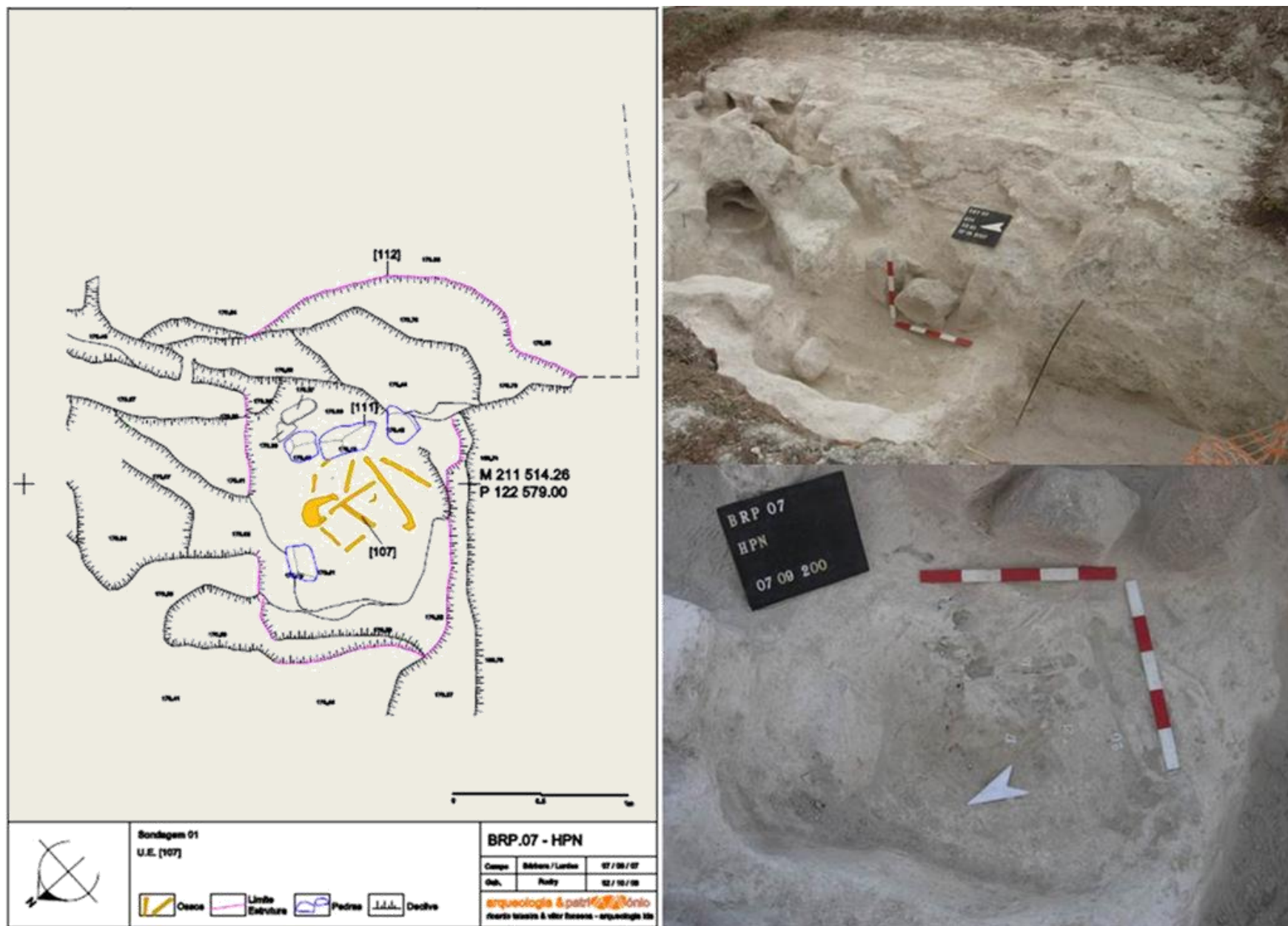


Fig. 14. — Estrutura funerária de Horta de Panéque: plano e fotografia do nível de inumação e fotografia da “câmara”

(no prelo). Porém, como veremos, as datas obtidas em Pedreira de Trigaches 2, Horta de Jacinto e Horta de Panéque remetem apenas para a Fase “Bronze do Sudoeste”.

Horta de Panéque – Sondagem nº 1

Nesta sondagem foi identificada uma estrutura em negativo, bastante alterada por bioturbações. A nível do topo do substrato foi definido um aglomerado pétreo sob o qual se identificou um alinhamento pétreo constituído por três pedras fincadas na vertical, que entendemos tratar-se do que resta do fecho da “câmara” – a interface onde se encontravam os restos osteológicos desarticulados, pertencentes a pelo menos dois indivíduos adultos sem qualquer oferenda (Fig. 14). Foram datados pelo radiocarbono elementos ósseos tendo-se obtido a data Sac-2334 - 3030±45 BP.

Pedreira de Trigaches 2

Estrutura 19: Na estrutura 19, da Pedreira de Trigaches 2, foi identificado um contexto de inumação, no qual foram exumados ossos, muito fragmentados, pertencentes a um indivíduo adulto, possivelmente do sexo masculino (Fig. 15). Importa ainda enfatizar o facto de só terem sido encontrados alguns fragmentos cerâmicos manuais no último enchimento desta estrutura, sem qualquer relação direta com o contexto de inumação. Os ossos foram datados pelo radiocarbono, tendo-se obtido a data Sac-2635 - 3280 ± 50.

Estrutura 12: Na estrutura 12, foi encontrada parte do esqueleto de um veado sub-adulto, delimitado por um conjunto de pedras dispostas em sub-circulo. Esta deposição estava envolvida num depósito com carvões, embora os ossos não manifestassem vestígios da ação do fogo (Fig. 16). Foram datadas pelo



Fig. 15.— Estrutura 19 da Pedreira de Trigaches 2, nível de inumação

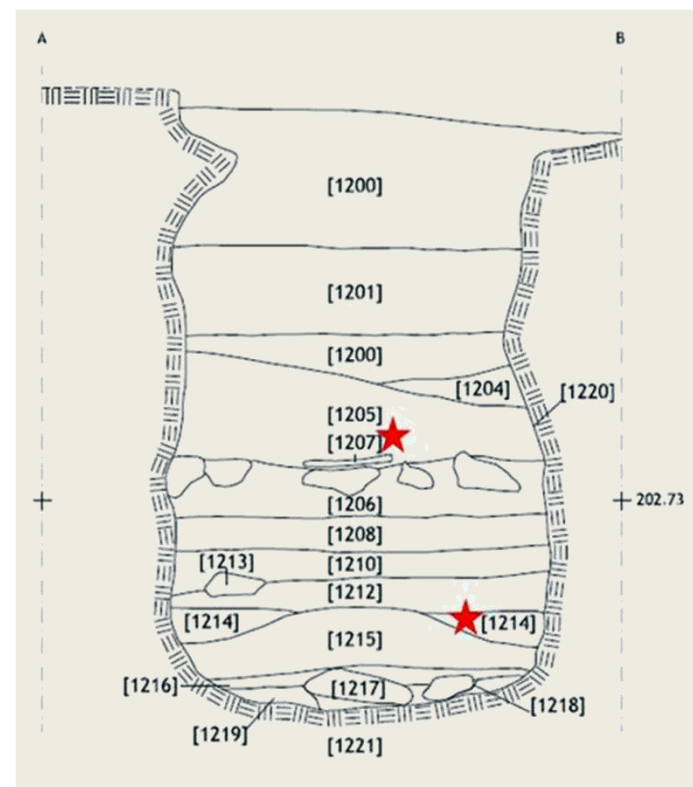


Fig. 16.— Estrutura 12 da Pedreira de Trigaches 2, nível de deposição de restos faunísticos

radiocarbono, uma amostra dos ossos, tendo-se obtido a data Sac-2369 – 2790 ± 180 BP, e uma amostra de cortiça, tendo-se obtido a data - Sac-2328 – 3210 ± 50 B.P.

Estrutura 9A: Na estrutura 9A, foi possível identificar um contexto de combustão constituído por pedras pequenas estaladas pela ação do fogo. Este contexto de combustão assentava em depósitos bastante expressivos de cinzas e carvões, sob os quais foram encontradas milhares de sementes carbonizadas de



Fig. 17.— Estrutura 9 da Pedreira de Trigaches 2, sequência de fotografias dos níveis sobrejacentes ao depósito de sementes

cevada (Fig. 17). Na base da estrutura em negativo, encontraram-se fragmentos de cortiça carbonizada, que pareciam revestir aquela, delimitando a própria deposição das sementes. Deste contexto foram datadas pelo radiocarbono as seguintes amostras: uma amostra de sementes, tendo-se obtido a data Sac-2332 – 2980 ± 40 BP; uma amostra de madeira carbonizada, tendo-se obtido a data Sac-2330 – 3000 ± 60 BP; e uma amostra de cortiça, tendo-se obtido a data Sac-2331 – 3040 ± 45 BP.

Horta de Jacinto – Estrutura 1

Na estrutura 1 de Horta do Jacinto foi identificado uma complexa sequência de enchimento (Baptista *et al.* 2012) onde foi individualizado um nível de inumação de um indivíduo juvenil. Tratava-se de uma inumação em posição sentada sobre os pés, sem qualquer tipo de espólio que a acompanhasse. O indivíduo encontrava-se numa “cova” esculpida num depósito de calço, com cerca de 50cm de espessura, sob o qual, e já na base da estrutura, se identificou o esqueleto inteiro de um suíno delimitado por um anel pétreo (Fig. 18). Os ossos humanos foram datados pelo radiocarbono, tendo-se obtido a data Sac-2632-3220 ± 50 BP.

3. NOTAS FINAIS

Neste texto procedemos à revisão de alguns aspetos da imagem da Pré-história recente das bacias das Ribeiras do Álamo e do Pisão que apresentamos anteriormente (Baptista 2010, Antunes *et al.* 2012). Usamos um conjunto de datações por radiocarbono ensaiando a sua leitura em função de faseamentos cronológicos disponíveis. Nesta leitura, constata-se que, globalmente, as características dos contextos analisados são coincidentes com as referidas pelos autores de tais faseamentos cronológicos. Desta tentativa de compreensão e de integração

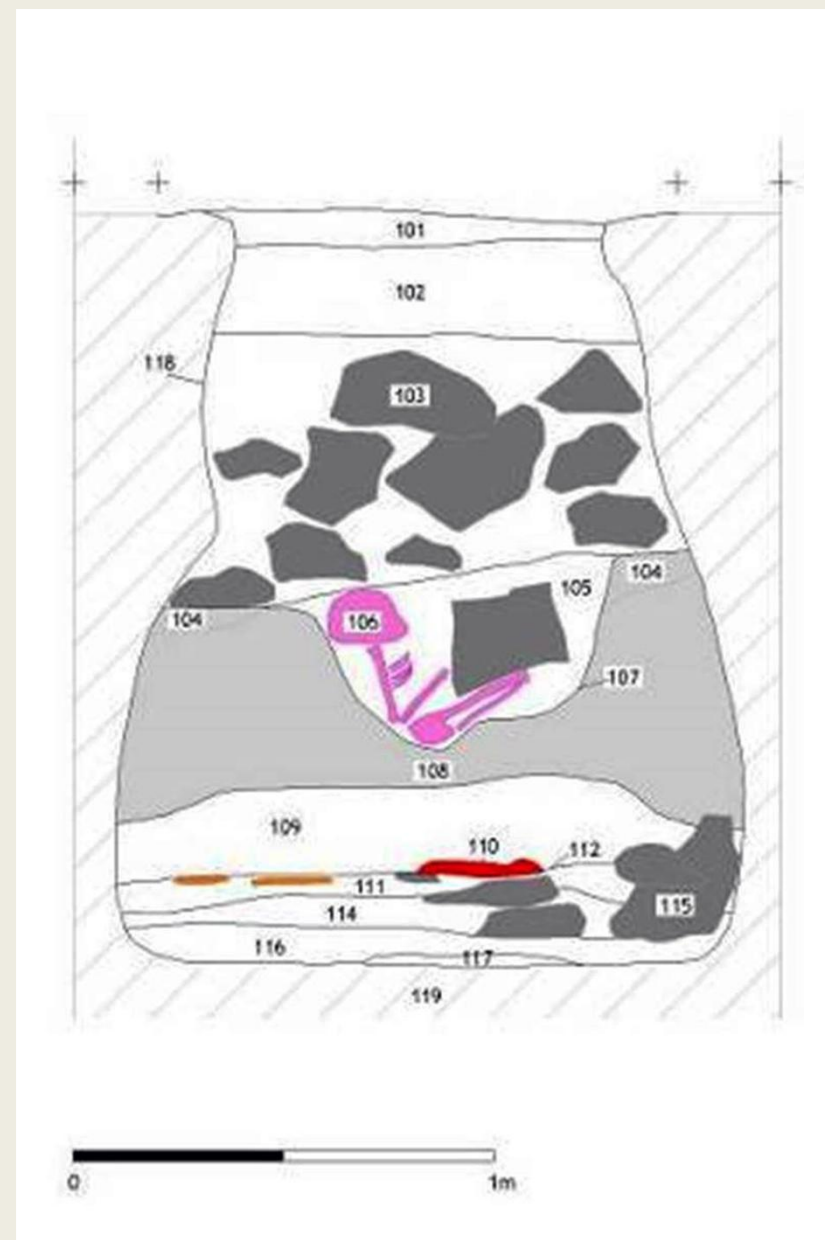


Fig. 18.— Estrutura 1 de Horta de Jacinto: fotografias dos níveis de inumação humano e animal e secção

dos contextos em análise numa dinâmica de construção da paisagem, fica-nos a convicção de que necessitamos de mais elementos, nomeadamente, de datas de radiocarbono, para nos aproximarmos de tal dinâmica.

Agradecimentos: á equipa técnica de escavação e de Gabinete: Ana Marta Sales, André Saraiva, Bárbara Carvalho, Cláudio Jorge, Francisco Barros, José Grilo, João Molha, Nélson Vale, Rodry Mendonça e Sara Luz. A Rodry Mendonça (desenhos e SIG); e a João Molha (fotografias de espólio).

BIBLIOGRAFIA

- ALBERGARIA, J. (1998): “Recipientes cerâmicos campaniformes recolhidos no povoado dos Perdigões”. In M. Lago *et al.* “O povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1 (1): 45-152.
- ANTUNES, A.S. *et al.* (2012): “Povoados Abertos do Bronze Final no Médio e Baixo Guadiana”. In J. Jiménez Ávila (ed.): *Sidereum Ana II: El valle del Guadiana en el Bronce Final. Anejos de AEspA* LXII: 277-308.
- ARNAUD, J.M. (1982): “O povoado calcolítico de Ferreira do Alentejo no contexto da bacia do Sado e do Sudoeste Peninsular”. *Arqueologia* 6: 48-64.
- BAPTISTA, L. (2010): “The Late Prehistory of the Watershed of the Ribeiras of Pisão and Álamo (Beja, South Portugal): a Research Programme”. *Journal of Iberian Archaeology* 13: 69-84.
- BAPTISTA, L., CUNHA, L. e GOMES, S. (2010): *Bloco de Rega do Pisão. Intervenção em Monte do Marquês 15*, (Relatório inédito. IGESPAR). Lisboa.
- BAPTISTA, L., GOMES, S. e COSTA, C. (2012): “As dinâmicas de deposição no sítio pré-histórico de Horta de Jacinto (Beringel, Beja)”. *Actas do V Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Almodôvar: 585-596.
- CALADO, M. (1993): *Carta Arqueológica do Alandroal*. Alandroal.
- CALADO, M. (2000): “Neolitização e megalitismo no Alentejo Central: uma leitura espacial”. *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Porto: 35-45.
- CARDOSO, J.L. e NORTON, J. (2004): “As caçoilas campaniformes da anta de Bencafede (Évora)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7: 129-136.
- CORREIA DA FONSECA, S.H.B. (1996): *Calcolítico do Sul de Portugal - Estudo de um caso: o concelho de Cuba*, (Dissertação de mestrado inédita. Universidade do Porto). Porto.

- DIAS, A.M.C. (1996): *Elementos para o estudo da sequência estratigráfica e artefactual do povoado calcolítico de Stª. Vitória*, (Dissertação de mestrado inédita. Universidade Universidade do Porto). Porto.
- DIAS, M.I. (2008): “Estudo composicional da matéria envolvente aos geométricos da necrópole da Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja)”. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 1: 13-14.
- DINIZ, M. (1999): “Povoado neolítico da Foz do Enxoé (Serpa): primeiros resultados”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 2 (1): 95-126.
- DINIZ, M. (2001): “O sítio neolítico da Valada do Mato, Évora: problemas e perspectivas”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 4 (1): 45-59.
- EVANGELISTA, L. (2003): *O Complexo arqueológico dos Perdigões e a construção da paisagem em Reguengos de Monsaraz*, (Dissertação de mestrado inédita. Universidade Universidade do Porto). Porto.
- GAMITO, T.J. (2003): “Os recintos fortificados do início da Idade do Bronze no Sul de Portugal: onde os encontrar?” In S.O. Jorge (coord.): *Recintos murados da Pré-história recente: técnicas construtivas e organização do espaço: conservação, restauro e valorização patrimonial de arquitecturas pré-históricas*. Porto: 329-337.
- GOMES, M.V. e MONTEIRO, J.P. (1976-1977): “As estelas decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel, Beja): estudo comparado”. *Setúbal Arqueológica* II-III: 281-343.
- GONÇALVES, G.V. (2010): “Datações de radiocarbono em Portugal (1954-2009)”. www.academia.edu/1100038/DATACOES_DE_RADIOCARBONO_EM_PORTUGAL_1954_-_2009 (consulta a 19 de Setembro de 2012).
- GONÇALVES, V.S. (1987): “O povoado pré-histórico da Sala nº 1 (Pedrógão, Vidigueira): notas sobre a campanha 1”. *Portugália* 8 (2): 7-16.
- GONÇALVES, V.S. (1988-89): “A ocupação pré-histórica do Monte Novo dos Albardeiros, Reguengos de Monsaraz”. *Portugália (nova série)* IX-X: 49-61.
- GONÇALVES, V.S. (1990-91): “O povoado pré-histórico da Torre do Esporão (Reguengos de Monsaraz)”. *Portugália (nova série)* XI-XII: 53-72.
- GONÇALVES, V.S. (1993): “Manifestações do Sagrado na Pré-história do Ocidente Peninsular, 3. A Deusa dos Olhos de Sol – um primeiro Olhar”. *Revista da Faculdade de Letras (5ª série)* 15: 9-15.

- GONÇALVES, V.S. (1994): “A primeira metade do 3º milénio no Centro/Sul de Portugal. Algumas breves reflexões, enquanto outras não são possíveis”. *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 34 (3-4). Porto: 117-131.
- GONÇALVES, V.S. (1995): *Sítios “Horizontes” e artefactos. Leituras críticas de realidades perdidas*. Cascais.
- GONÇALVES, V.S. (ed.) (2000): *Muitas antas pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Trabalhos de Arqueologia 16. Lisboa.
- GONÇALVES, V.S. (ed.) (2003): *Muita gente poucas antas? Origens, espaços e contextos do Megalitismo. Actas do II Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Trabalhos de Arqueologia 25. Lisboa.
- GONÇALVES, V.S. (2003): “A Anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz, Évora): sinopse das intervenções de 1996-97 e duas datações de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 6 (2): 143-166.
- LAGO, M. *et al.* (1998): “Povoado dos Perdighões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1 (1): 45-152
- LEISNER, G. e LEISNER, V. (1951): *As Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa.
- MATALOTO, R. e BOAVENTURA, R. (2009): “Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 12 (2): 31-77.
- MATALOTO, R., MARTINS, J.M.M. e SOARES, A.M.M. (no prelo): “Cronologia absoluta para o Bronze do Sudoeste. Periodização, base de dados, tratamento estatístico”. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 20.
- PARREIRA, R. (1977): “O povoado da Idade do Bronze do Outeiro do Circo (Beringel/Beja)”. *Arquivo de Beja* 28-32: 31- 45.
- PARREIRA, R. (1983): “O Cerro dos Castelos de São Brás (Serpa): Relatório Preliminar dos Trabalhos Arqueológicos de 1979 e 1980”. *O Arqueólogo Português (série IV)* 1: 149-168.
- PARREIRA, R. (1995): “Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior”. *A Idade do Bronze em Portugal, discursos de poder*. Lisboa: 113-134.
- PARREIRA, R. e SOARES, A.M. (1980): “Zu einigen bronzzeitlichen Höhensiedlungen in Südportugal”. *Madri der Mitteilungen* 21: 109-130.

- RAMOS, C., MARTINS, A.M.G., MURALHA, J. e ESTORNINHO, A. (1993): “O Castelo de Aljustrel, campanhas de 1989 e 1992”. *Vipasca* 2: 11-40.
- SANTOS, F.J.C. *et al.* (2008): “O Casarão da Mesquita 3 (S. Manços, Évora): um sítio de fossas “silo” do Bronze Pleno/Final na Encosta do Albardão”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 11 (2): 55-86.
- SCHUBART, H. (1975): *Die Kultur der Bronzezeit im Südwesten der Iberischen Halbinsel*. Madrider Forschungen 9. Berlin.
- SILVA, A.C. (1996): *Património Arqueológico no Regolfo de Alqueva*. Lisboa.
- SILVA, C.T. e SOARES, J. (1976-77): “Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve”. *Setúbal Arqueológica* II-III: 179-272.
- SILVA, C.T. e SOARES, J. (1983): “Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral: A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém)”. *O Arqueólogo Português (série IV)* I: 63-88.
- SILVA, C.T. e SOARES, J. (1987): “O povoado fortificado Calcolítico do Monte da Tumba. I- escavações de 1982-86 (resultados preliminares)”. *Setúbal Arqueológica* VIII: 29-79.
- SOARES, A.M. (1992): “O povoado Calcolítico dos Três Moinhos (Baleizão, conc. de Beja). Notícia preliminar”. *Setúbal Arqueológica* IX-X: 291-314.
- SOARES, A.M. (1994): “O Bronze do Sudoeste na Margem Esquerda do Guadiana. As Necrópoles do Concelho de Serpa”. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: 179-197.
- SOARES A.M. (2005): “Os povoados do Bronze Final do Sudoeste na margem esquerda portuguesa do Guadiana: novos dados sobre a cerâmica de ornatos brunidos”. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8 (1): 111-145.
- SOARES, J. e SILVA, C.T. (1992): “Para o conhecimento dos povoados do megalitismo de Reguengos”. *Setúbal Arqueológica* IX-X: 37-88.
- SOARES, J. e SILVA, C.T. (2000): “Capturar a mudança na Pré-História Recente do Sul de Portugal”. *Actas do 3º Congresso Arqueologia Peninsular. Pré-História Recente da Península Ibérica*. Porto: 213-224.
- VALERA, A.C. (2000): “O Monte do Tosco 1: uma análise preliminar no contexto do povoamento Calcolítico e do início da Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana”. *Era-Arqueologia*: 32-51.

- VALERA, A.C. (2002): “Pré-História recente da margem esquerda do Guadiana”. *Al-madan (série 2)* 11: 117-121.
- VALERA, A.C. (2006): “A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão, dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC”. *Era Arqueologia* 7: 136-210.
- VALERA, A.C. (2010): “Um mundo em negativo: fossos, fossas e hipogeus entre o Neolítico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana (Brinches, Serpa)” *Actas do IV coloquio de Alqueva*:
[www.academia.edu/953825/ Um mundo em negativo fossos fossas e hipogeus entre o Neolitico Final e a Idade do Bronze na margem esquerda do Guadiana Brinches Serpa](http://www.academia.edu/953825/Um_mundo_em_negativo_fossos_fossas_e_hipogeus_entre_o_Neolitico_Final_e_a_Idade_do_Bronze_na_margem_esquerda_do_Guadiana_Brinches_Serpa) (consulta a 19 de Setembro de 2012).
- VALERA, A.C. e FILIPE, I. (2004): “O Povoado do Porto Torrão (Ferreira do Alentejo)”. *Era Arqueologia* 6: 28-61.
- VALERA, A.C. e REBUGE, J. (2011): “O Campaniforme no Alentejo: contextos e circulação. Um breve balanço”. *Arqueologia do Norte Alentejano*. Fronteira: 111-121.
- VALERA, A.C., SOARES, A.M. e COELHO, M. (2008): “Primeiras datas de radiocarbono para a necrópole de hipogeus da Sobreira de Cima (Vidigueira, Beja)”. *Apontamentos de Arqueologia e Património* 2: 27-30.